

O amanhã que preocupa

Walter Gomes

Está em tempo de o ministro Fernando Henrique Cardoso revelar, enfim, qual o projeto para reorganizar a economia brasileira.

Criou, desde o início de sua gestão, clima de grande suspense a respeito da diretriz a ser cumprida pela equipe que trabalha sob seu comando.

Até o momento, entretanto, não são conhecidos os termos de sua proposta. Ele fala muito, e bem. Não é só a dialética do sociólogo, todavia, que interessa. A curiosidade do cidadão, pode-se qualificá-la de **angustiante**, é de conhecer o projeto verdadeiro desse charmoso e simpático **tucano**.

Duas viagens internacionais importantes, porque de acerto necessário e urgente, foram feitas por ele, conforme as necessidades políticas.

Foi primeiro aos Estados Unidos, onde cumpriu agenda movimentada em Washington e em Nova Iorque. Teve como interlocutores executivos do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, além do vice-presidente norte-americano, Al Gore. Conseguiu simpatias para ajudá-lo a arrumar o pacote das dívidas brasileiras com os credores privados e, também, promessas de dinheiro novo para investimento.

Na França esteve a seguir. De lá, voltou ontem. Teve boa acolhida da nova direção do Clube de Paris, entidade que representa interesses financeiros de governos. O primeiro-ministro francês, Edouard Balladur, recebeu-o muito bem, assim como o líder socialista Michel Rocard, provável candidato das esquerdas à sucessão do presidente François Mitterrand.

Há outras visitas de substancial relevância a realizar, porém, ficam para mais tarde. É o caso, por exemplo, da Alemanha, do Japão e da Inglaterra. Antes de concretizá-las, precisa organizar a casa, que carece de atenções

especiais.

Já deveria ter cuidado melhor do dia-a-dia. Mas, tudo bem. Não vale chorar pelos desacertos de ontem, se é possível construir, na sequência do tempo, coisas positivas.

O presidente Itamar Franco, que foi ao Chile participar da reunião do Grupo do Rio, retornará, neste domingo. Ele está ansioso e nervoso, sabe-se, diante da incapacidade do seu governo de gerar solução para o controle da taxa inflacionária. Não se conforma que o imposto perverso venha mantendo uma curva ascendente desde sua chegada ao poder. Parece que foi ontem, porém ocorreu em outubro de 1992. Estimativas da área industrial situam o índice de outubro ao redor de 38 por cento, e o ministro da Fazenda continua a mostrar, nos vídeos coloridos, o sorriso de quem não se impressiona com obstáculos geradores de vicissitudes.

Próxima semana, sentar-se-ão à mesa de sufocante reunião, pois a pauta é de cobrança, o Presidente e seu ministro. O chefe, cuja popularidade despencou quase na mesma proporção da subida inflacionária, desejará saber do seu auxiliar qualificado qual será a saída. Como está, não poderá ficar.

O absurdo dos preços é muito grande. Qualquer do povo perdeu a capacidade de utilizar parâmetros de comparação. Já não se pode avaliar a correspondência real entre a mercadoria e o seu valor de venda. Um liquidificador para uma menina brincar com sua boneca é mais caro do que a verdadeira peça necessária ao serviço de uma cozinha. O mesmo pode-se dizer com referência a uma máquina de escrever ou a um telefone, se o quadro comparativo for dirigido às peças de **mentirinha**.

Situação assim é esdrúxula ao exagero, e por conseguinte, fica difícil acreditar numa reversão de expectativas, mesmo que à frente da guarda estejam o honrado chefe do Governo e o politicamente correto ministro Fernando Henrique Cardoso.

com Brasil

CORREIO BRAZILIENSE

15 OUT 1993